

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PSICOLOGIA**

DJONATA DA SILVA RONCHI

**TRANSAÇÕES E FAMÍLIA: UMA ANÁLISE DE HISTÓRIA DE VIDA DE
PESSOAS TRANS A PARTIR DOS ESTADOS DE EGO E TRANSAÇÕES DA
ANÁLISE TRANSACIONAL**

CRICIÚMA

2023

DJONATA DA SILVA RONCHI

**TRANSAÇÕES E FAMÍLIA: UMA ANÁLISE DE HISTÓRIA DE VIDA DE
PESSOAS TRANS A PARTIR DOS ESTADOS DE EGO E TRANSAÇÕES DA
ANÁLISE TRANSACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
Bacharel em Psicologia no curso de
Psicologia da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janine Moreira

CRICIÚMA

2023

DJONATA DA SILVA RONCHI

**TRANSAÇÕES E FAMÍLIA: UMA ANÁLISE DE HISTÓRIA DE VIDA DE
PESSOAS TRANS A PARTIR DOS ESTADOS DE EGO E TRANSAÇÕES DA
ANÁLISE TRANSACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel em Psicologia, no Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Saúde e Processos Psicossociais.

Criciúma, 23 de novembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Janine Moreira – Doutora - (UNESC) - Orientadora

Prof^a. Nerilza Volpato Beltrame - Especialista - (UNESC)

Prof^a. Rita de Cássia Guimarães Dagostim - Mestra - (UNESC)

RESUMO

Resumo: A compreensão das experiências vivenciadas por pessoas Trans se faz necessária para redução dos estigmas reproduzidos pela sociedade. Por muito tempo a transexualidade foi relacionada à doença, a medicina e outras áreas da saúde vieram a patologizar pessoas transgêneros e travestis, marginalizando suas vidas e culpabilizando-as. Essa pesquisa teve como objetivo compreender o processo de subjetivação de duas pessoas Trans, buscou a exploração de questões que rodeiam suas vivências nas relações familiares a partir dos saberes da Psicologia, em específico da Análise Transacional (AT), teoria que foi usada para compreender os estados de ego e as transações no núcleo familiar de pessoas Trans, apresentando os impactos positivos e negativos destas transações nas vidas destas pessoas. Por meio da história de vida de duas pessoas Trans, a pesquisa compreendeu quais as implicações dos afetos na família como forma de prevenção à vulnerabilidade social. Destacando quem são essas pessoas que vivem de forma invisível para a sociedade, lançando luz às suas vivências e subjetividades, proporcionou conhecimento que veio somar para o enfrentamento de preconceitos que afetam estas pessoas em nossa sociedade.

Palavras-chave: Afeto, Família, Pessoas Trans, Análise Transacional.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
1.1 – Contextualização do objeto de pesquisa.....	6
1.2 – Metodologia.....	8
2. NÃO NORMATIVIDADE DOS CORPOS TRANS.....	11
3. ANÁLISE TRANSACIONAL.....	15
3.1 – Estados de Ego.....	17
3.2 – Transações.....	22
3.3 - Análise Transacional e estrutura social.....	27
4 – AS VIVÊNCIAS COMPREENDIDAS A PARTIR DA ANÁLISE TRANSACIONAL.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICE: Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	44
ANEXOS.....	46
ANEXO A: Carta de Aprovação CEP.....	47
ANEXO B: TCLE.....	49

1 INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização do objeto de pesquisa

Este trabalho nasce com objetivo de compreender o processo de subjetivação de pessoas Trans, buscando a relação entre família e afeto para essas pessoas, e quais suas implicações para elas.

Os afetos se destacam nesta pesquisa com intenção de compreender as faltas afetivas, tão presentes nas vivências pessoais da comunidade LGBTQIAP+; tal sigla abrange pessoas Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.

A família é o principal pilar para a formação da identidade humana, e espera-se dela compreensão, apoio, o “chão” que sustenta a psique, o que a possibilita ser um refúgio da desigualdade, do ódio reproduzido pela sociedade heteronormativa, onde o padrão está ditado.

Os padrões heteronormativos direcionam o que é normal, distanciando parcelas da população que não se encaixam dentro desses padrões. Vivemos em uma sociedade em que há fortes preconceitos voltados para a população Trans, o que reforça sua posição à margem da sociedade, onde não existem holofotes no grande palco da vida.

Pessoas Trans são aquelas que não se identificam com o sexo que lhes foi atribuído ao nascer. Por muito tempo a identidade de gênero esteve ligada ao sexo biológico ou genitália; um exemplo seria se uma pessoa nascesse com genitália do sexo feminino, essa deveria se comportar, gostar e agir como feminino, mas o gênero está para além do biológico, existe uma identificação, exercício de vivência social para essa pessoa, que não é determinado pela biologia.

Poucos são os materiais produzidos por dentro da realidade dessa população; por muito tempo a transexualidade foi relacionada à doença, a medicina e outras áreas da saúde vieram a patologizar pessoas transgênero e travestis, marginalizando suas vidas e culpabilizando-as por viverem nesse contexto. No entanto, é a sociedade, tomada pelo sistema, que distorce contextos

e conceitos, empurrando esses corpos para a beira, forçando a vida para a margem, onde não é dado valor a essas vidas.

O campo da psicologia, na atualidade, compreende a existência de pessoas Trans não dentro das patologias, mas como forma de existir e ser; por muito tempo as questões de gênero e sexualidade foram afastadas, tanto de contextos sociais como do interesse acadêmico acerca dessas pessoas, que também possuem direitos.

A presente pesquisa visa expandir os conhecimentos acerca da comunidade LGBTQIAP+, em específico a subjetividade de pessoas Trans, e compreender suas relações afetivas direcionadas ao seio familiar. Busca a exploração de questões que rodeiam o abandono, fazendo uso dos saberes da Psicologia, em específico da Análise Transacional (AT), teoria que será usada para compreender a existência e as transações no núcleo familiar de pessoas Trans, e quais os impactos positivos e negativos destas transações nas vidas destas pessoas.

O estudo levará não somente em consideração essas relações, mas o todo, qual o olhar voltado para essa população, além da marginalização e sexualização desses corpos, o abandono (ou não) não somente familiar, mas também do Estado, das escolas, da religião e do trabalho.

Por meio da história de vida de pessoas Trans, a pesquisa busca entender quais as implicações dos afetos na família como forma de prevenção à vulnerabilidade social. Ela pretende destacar quem são essas pessoas que vivem de forma invisível para a sociedade, lançando luz às suas vivências e subjetividades, buscando proporcionar conhecimento que possa somar a essa população.

Desta forma, o problema desta pesquisa é: Qual o impacto das transações familiares na realidade de pessoas Trans a partir da Análise Transacional?

E seus objetivos:

Geral: Compreender as transações familiares e o impacto na realidade das pessoas Trans a partir da Análise Transacional.

Específicos:

- Conhecer a trajetória de vida de pessoas Trans e suas relações no seio familiar;
- Identificar os impactos positivos e negativos das carícias familiares em pessoas Trans;
- Analisar os principais fatores que contribuem para a vulnerabilidade de pessoas Trans.

1.2 Metodologia

A pesquisa foi de natureza aplicada, para identificar as relações dentro do seio familiar de pessoas Trans, a partir das transações e trocas nas relações familiares. Teve abordagem qualitativa, o que remete a um campo prático e possibilidade de acesso a discursos de cunho diversificado. A pesquisa qualitativa

Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalística, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (Alves; Aquino, 2012, p. 04).

As pesquisas qualitativas dão liberdade de trabalhar em um universo amplo, transparente e repleto de significados, crenças, de atitude, de valores, fenômenos que não podem se reduzir a um número variável. Sendo assim:

A pesquisa qualitativa se caracterizaria principalmente pelos seguintes atributos: a) estudo dos fenômenos onde eles se manifestam; b) interação entre sujeito e objeto e reconhecimento da presença dos valores em todo o processo de investigação; c) flexibilidade na utilização de tradições e paradigmas teóricos, métodos, técnicas e instrumentos; d)

compreensão e interpretação dos significados atribuídos e das intencionalidades dos indivíduos sociais como objetivos da investigação; e) visão da realidade social como processo, resultado das interações entre os indivíduos sociais. (ALVES; AQUINO, 2012, p.04).

O instrumento de pesquisa foi a entrevista semiestruturada. Este tipo de entrevista deixa margem para as pessoas responderem com liberdade em relação ao roteiro, que consiste apenas numa orientação, não tendo que ser seguido à risca. Mas também direciona as respostas, não deixando-as totalmente abertas. O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice.

Também foi utilizado como procedimento de coleta de dados o método de história de vida:

Em termos gerais, o método de história de vida participa da metodologia qualitativa biográfica na qual o pesquisador escuta, por meio de várias entrevistas não diretivas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta. Nesse processo, a relação entre pesquisador e aquele que narra sua história é um ponto essencial e só acontece na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo. Ao fim da escuta, todo o material é transcrito e discutido entre o sujeito participante e o pesquisador, que, a partir de então, fará um mergulho analítico para buscar identificar naquele material as pistas que o ajudarão a tentar responder suas questões de pesquisa. (Nogueira et al, 2017, p. 03).

Como critérios de inclusão e exclusão, contamos com a participação de duas pessoas que se identificam como Transgênero/Transsexual e que estiveram dispostas a relatar suas histórias de vida. Estas pessoas, ambas femininas, são do conhecimento do pesquisador, residentes no município de Criciúma/SC, e aceitaram de livre e espontânea vontade participar da pesquisa, além de assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ambas entrevistadas participam do meio acadêmico, em grupos de estudos na Unesc. A indicação das entrevistadas surgiu da minha orientadora, Janine Moreira, que as conhecia. As entrevistadas, assim que receberam o convite, por mensagem, foram receptivas e logo aceitaram o convite de imediato.

Os encontros com as participantes foram realizados de forma presencial. Ocorreram em uma sala de psicologia das Clínicas Integradas na Unesc. Foi realizado um encontro com cada participante, com tempo de 40 a 50 minutos. As entrevistadas se apresentavam tranquilas, em alguns momentos foram descontraídas e em outros momentos sérias, devido aos relatos de suas vivências, mas durante toda entrevista foram deixadas livres caso não se sentissem à vontade para falar sobre alguma vivência em específico.

Os encontros aconteceram depois da aprovação do Conselho de Ética de Pesquisa - CEP (Anexo A) e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo B), seguindo todos os pressupostos éticos.

Foi realizada transcrição das gravações na íntegra, apenas com correção de vícios de linguagem.

A análise foi realizada com base no roteiro da entrevista que, por sua vez, foi elaborado com fins de se alcançar os objetivos estabelecidos. Então, as entrevistas foram analisadas livremente, procurando-se centrar nos conteúdos que levavam aos objetivos propostos.

Este TCC está dividido em 4 capítulos. O capítulo 2, uma vez que o 1 consiste nesta introdução, aborda as questões de gênero e a crítica a sua normalização. O capítulo 3 apresenta conceitos que serão utilizados para fazer a compreensão dos dados a partir da Análise Transacional. E o capítulo 4 se constitui na apresentação e análise das histórias de vida das participantes a partir de suas identidades de gênero, com foco nas relações familiares. Por fim, tem-se as Considerações Finais.

2. NÃO NORMATIVIDADE TRANS

A problematização acerca dos padrões normativos se torna essencial para a compreensão social de pessoas Trans. As normas já estabelecidas, na história do Brasil, para e com pessoas Trans foram marcadas pelo processo de patologização, que é a transformação de atitudes e comportamentos que respondem às vicissitudes da vida em doenças, separando as mesmas da sociedade, diagnosticando-as e inserindo-as em pequenas caixas onde não eram vistas nem ouvidas, como se a invisibilização de seus corpos resolvesse suas amarras ligadas aos preconceitos sociais.

Foucault fala sobre a disciplina e a lei, essas não seguem um direito normativo cabível dentro da norma, mas sim um direito humano, fazendo uma diferenciação entre os conceitos de regra, norma, disciplina e lei.

O discurso da disciplina é alheio ao da lei; é alheio ao da regra como vontade soberana. Portanto, as disciplinas vão trazer um discurso que será o da norma [...]. Elas definiram um código que será aquele, não da lei, mas da normalização, e elas se referirão necessariamente a um horizonte teórico que não será o edifício do direito, mas o campo das ciências humanas (Foucault, 1999, p.45).

Para Foucault, as disciplinas são um tipo de poder, o poder disciplinar, característico da sociedade moderna capitalista, responsável por criar corpos dóceis para a produção; poder que fabrica subjetividades produtivas, pautado na normalidade, estabelecida pelas ciências humanas. Tal normalidade afasta de seu eixo todas as subjetividades que escapam ao padrão produtivo, controlável, transformando-os em “casos” a serem estudados e corrigidos. Foi neste contexto que se estabeleceu a patologização das sexualidades divergentes da normatividade heterocisgênero.

No Brasil, por conta do contexto político em que vivemos até pouco tempo, presenciamos ações de sobreposição à lei, em geral pautadas por instituições religiosas na sociedade, ideias voltadas ao religioso e ao sagrado, que ameaçaram - e continuam ameaçando - os direitos humanos, infringindo danos às pessoas Trans.

A diferença sexual é severamente regulada pela sociedade, o que faz dela um exemplo de como os mecanismos de poder podem atuar. Cria-se uma norma que dita como as pessoas devem se comportar nas suas relações, um exemplo seria a Transsexualidade colocada em uma posição fora do normal.

Simone de Beauvoir (1977) discute a relação entre o Eu e o Outro, a partir das relações entre o sexo masculino e o feminino, analisando o papel social da mulher. A autora anuncia que é o homem - o primeiro sexo, o essencial, o mesmo - que estabelece a mulher como sendo o segundo sexo - o inessencial, o outro. Mas nunca é o outro que se estabelece a si mesmo como outro, e sim o mesmo que, estabelecendo-se a si como mesmo, deixa ao diferente dele o lugar de outro. E o outro acaba aceitando este lugar, e vendo-se a si mesmo como o inessencial. Beauvoir acrescenta, em tom de crítica, que uma das vantagens de ser mulher é ser o Outro, é a capacidade de ela evitar a angústia de ter responsabilidade pela vida. Com sua enigmática frase “a mulher não nasce mulher, torna-se mulher”, este trabalho clássico de Simone de Beauvoir, publicado originariamente na França em 1949, abriu caminho para discussão de identidade de gênero, sobretudo dentro das teorias feministas.

Judith Butler (2004) e Rosi Braidotti (2002) identificam uma estrutura real da sociedade como normativa, onde o feminino é constantemente um Outro do Eu masculino, mas a resolução de cada autora é diferente. Butler (2004) pensa que a solução está na aniquilação do pensamento binário masculino-feminino e da diferença sexual, sendo esta normatização substituída pela performatividade de gênero. Para Braidotti (2002), a diferença sexual é o que está entre o masculino e o feminino, o que permite pontos de fuga para outras performatividades/leituras capazes de apresentar novas formas de resistência. Neste trabalho, seguiremos com a compreensão de Butler.

Sendo assim, o sexo biológico não deve determinar a existência dos sujeitos na sua individualidade e a sociedade deve deixar espaço para que todo sujeito possa ser e escolher como quer ser reconhecido. Isso quer dizer que, apesar do gênero produzir e normalizar o masculino e o feminino, também “pode ser o aparato pelo qual esses termos são desconstruídos e desnaturalizados”

(Butler, 2004, p. 42), contribuindo na construção da identidade das pessoas. De acordo com os pensamentos de Butler, essa “normalidade” nunca é alcançada. Portanto, as questões relacionadas ao gênero não são permanentes, constantes e sempre haverá transformação.

Esse pensar levanta algumas questões sobre a identidade, pois se essa é a norma e esses sujeitos estão nela, podemos pensar quais os tipos de pessoas estão a serem produzidos ou “feitos”, qual tipo de homem e mulher a serem validados, e qual o lugar daqueles que não estão na heterocisnorma.

Os pensamentos de Butler, em específico os pós-feministas, reconhecem que os limites apontados são positivos, pois isso expõe a humanidade e eleva os limites da inteligibilidade. Em suma, as identidades de gênero devem ser reconhecidas fora da norma e não a partir do Outro (Butler, 2004). Mas isso não quer dizer que a relação com o Outro não seja fundamental nesta desconstrução. Entende-se que identidade de gênero está atrelada à sexualidade, sendo assim, uma pessoa transgênero, cisgênero ou não binária (identidades de gênero) tem para além do gênero diferente orientação sexual, uma vez que a identidade de gênero é como a pessoa se identifica, já a orientação sexual vai se dar por quem a pessoa tem atração romântica ou sexual. Para além desses conceitos existem ainda relações que são arromânticas cujas pessoas, por sua vez, não sentem interesse romântico ou os sentem de forma diferente.

Segundo Butler (1990), são as normas que constituem o gênero e “fazem” e “desfazem” os sujeitos, sobretudo através do desafio lançado pela relação com o Outro (é o Outro que faz, desfaz, questiona e reconhece o Eu; logo, se reconhece e valida um Eu, também pode reconhecer e validar um outro Eu). Estas questões levantadas por Butler demonstram que a identidade de gênero deixou de ser uma questão do “ser” (ontológica) para passar a ser uma questão do “tornar-se”. Mesmo quando o sujeito tem a sua identidade de gênero e atua com ela, no futuro é possível perdê-la, reconstruí-la, validá-la de outra forma, transformando a própria questão de gênero numa pergunta constante, a performatividade como complemento da identificação do ser.

Essa discussão acaba reforçando a ideia de que as questões de diferença sexual, como a identidade de gênero, são constantemente problematizadas. Partindo da ideia de futuro simbólico com diversas possibilidades, desvinculando a ideia de gênero da binaridade, fazendo alusão às cores, pensando na ideia de que a binaridade está baseada em duas cores, mas no espaço entre essas cores há outras tonalidades, essas não possuem lugar nos espaços sociais, o gênero é algo sem forma, não possui cor inicialmente, mas torna-se de cores diferentes.

Butler (2004) desafia-nos a pensar: por que não pode ser esta estrutura sexual ela própria transformada do binário para a multiplicidade? É visível a complexidade que existe em torno das questões de gênero, fica latente a ideia de que, com o tempo, a multiplicidade de gênero torna-se muito mais presente, diluindo-se e tornando-se líquida no sentido de compreender e de caber nos espaços individuais de cada um. Com isso, a classificar a identidade de gênero em três - cisgênero, transgênero e não-binário - está relacionada com construção constante, e falamos dela para além dos aspectos que tangem a sexualidade.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) oficializou durante a 72ª Assembleia Mundial da Saúde, em Genebra, no ano de 2019, a retirada da classificação da transexualidade como transtorno mental da 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID). A informação já havia sido divulgada em 2018, porém, a oficialização da normativa foi feita na ocasião.

Antes mesmo da decisão da OMS, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) já havia publicado a resolução CFP nº 01/2018, que orienta a atuação profissional de psicólogas e psicólogos no Brasil para que travestilidades e transexualidades não sejam consideradas patologias. (Sposito, 2019). A 01/2018 está baseada em três pilares: transexualidade e travestilidades não são patologias; a transfobia precisa ser enfrentada; e as identidades de gênero são autodeclaratórias.

Com estas reflexões sobre identidade de gênero, passamos agora à compreensão da teoria da personalidade Análise Transacional, à luz da qual iremos compreender as histórias das participantes desta pesquisa.

3. ANÁLISE TRANSACIONAL

Eric Berne - nascido no Canadá, em 1910 e falecido nos Estados Unidos em 1970 - baseou a Análise Transacional (AT) em um princípio humanista. As características importantes são a conscientização, o livre-arbítrio e a autorrealização. A necessidade de desenvolvimento pessoal, de acordo com a psicologia humanista, é um aspecto fundamental da natureza humana.

Segundo Cornell *et al* (2023), a AT levanta três afirmações que são resultantes de sua filosofia, que são:

- Eu estou OK/ Você está OK
- Todo mundo pode pensar
- É possível mudar

Sendo assim, todas as pessoas, com exceção de pessoas com sérios danos cerebrais, têm a capacidade de pensar por si mesmas (Cornell et al, 2023). E todas têm responsabilidade pela qualidade de sua vida. Obviamente se lida com o que aconteceu. Cada um de nós é capaz de pensar e avaliar com base na realidade.

A Análise Transacional pode ser explicada como uma teoria da psicologia individual e social, como também é uma filosofia de vida e um conjunto de técnicas de mudança positiva. Ela é chamada de “Transacional” por estudar e analisar as transações entre os indivíduos. O foco da teoria está no social, ou seja, o que ocorre entre as pessoas, mais do que no individual (interior) (Kertész, 1987).

A AT possui 12 características principais, de acordo com Kertész (1987):

- É uma filosofia positiva e de confiança no ser humano: Eric Berne (seu fundador), construiu um modelo de estudo sobre o que ocorre no interior de cada pessoa. Para ele todos nascem bem (ok), com capacidade plena para o sucesso, exceto quando o ser humano sofre alguma situação estressante ou traumática na infância.

- A AT é um modelo de aprendizagem que substituiu o velho modelo da “enfermidade mental”.
- A AT é simples: Berne usava uma linguagem cotidiana para que todos pudessem compreender.
- A AT é natural: fundamenta-se nas necessidades básicas do ser humano: biológicas (afeto, contato físico), psicológicas (identidade, autonomia, estruturação do tempo) e sociais (reconhecimento, pertencer a um grupo, destacar-se em alguma coisa).
- É objetiva: fundamentou sua teoria no que via e ouvia dos seus clientes, era observador, não gostava de ideias que não poderiam ser demonstradas.
- A AT é diagramável: a maior parte dos seus conceitos pode ser representada por gráficos simples, círculos, triângulos, vetores e quadrados, permitindo também um entendimento visual.
- A AT é preditiva: estruturada através de instrumentos, conhecimento da história pessoal do indivíduo, dos sinais de comportamentos observáveis e da intuição, poderá prever o que acontecerá com o indivíduo, caso ele continue com o mesmo programa mental.
- A AT é preventiva: por ter uma característica preditiva, a AT ajuda na prevenção de comportamentos perigosos ou perdedores a fim de que não cheguem a se concretizar.
- É eficaz: por facilitar a compreensão do comportamento próprio ou alheio, sem diagnósticos demorados e caros através do uso de técnicas de mudança que estão ao alcance do próprio paciente.
- A AT é integrável: por ser de fácil compreensão, dá para combinar com outras escolas, por exemplo, a Gestalt-terapia, que trabalha com emoções, sensações e diálogos.
- Ela é contratual: é um acordo entre cliente e terapeuta que tem por finalidade alcançar um mesmo objetivo.
- A AT é igualitária: de acordo com sua filosofia, todos são iguais, ninguém é melhor que ninguém, mesmo que alguns tenham maiores capacidades e talentos.

Um dos últimos objetivos da AT é auxiliar o ser humano a alcançar a Autonomia de Vida, quando ele possui controle de sua própria vida, aceita a responsabilidade de seus sentimentos, pensamentos e comportamentos, assim como desfazer-se de padrões inadequados, para viver no aqui-e-agora. Assim, a pessoa verdadeiramente autônoma é aquela que possui a recuperação de três capacidades: consciência, espontaneidade e intimidade (Passos, 2018).

Consciência é o conhecimento do que está acontecendo agora [...] Espontaneidade é a liberdade de escolher. [...] Vê as várias opções à sua disposição e usa o comportamento que julga ser apropriado a essa situação e aos fins a que se propõe. [...] Intimidade é a expressão dos sentimentos de calor, afeto e proximidade [...] em relação ao outro. (James, Jogward. 1983, p. 263-266).

Estas três capacidades são inatas, a menos que fiquem limitadas por certas situações traumáticas da infância (Passos, 2018).

Assim, a Análise Transacional é uma abordagem racional, entende que cada pessoa pode aprender a confiar em si mesma, pensar sozinha, tomar as próprias decisões e exprimir seus sentimentos. A AT não representa só um instrumento útil para a psicoterapia, mas também promove a reflexão sobre o comportamento humano para que então aconteça a mudança (James e Jogward, 1983).

“Ninguém pode fazer-nos mudar. Cada um de nós, em última análise, só é responsável por si mesmo e não pelos outros. Por mais que o tentemos, não podemos censurar ninguém, a não ser nós mesmos, pelo nosso comportamento” (Woollams e Brown, 1979, p. 13).

3.1. Estados de Ego

Os estados de Ego são unidades de construção da AT; a maneira que o ser humano se comporta, pensa e sente são categorizadas em três grandes estados do ego que são chamados Pai, Adulto e Criança (WOOLLAMS e BROWN, 1979).

Desse modo, o interesse da análise é o estudo dos estados de ego, sistema coerente de pensamentos, sentimentos manifestados por padrões de comportamento correspondentes.

O termo “estados de ego” tem como objetivo descrever estados da mente relacionados à respectivos comportamentos, evitando assim o uso de termos como: “instinto”, “cultura”, “superego”, “animus”, etc. (Passos, 2018).

As funções do ego: Pai, Adulto e Criança se parecem com os três conceitos psicanalíticos básicos: superego, ego e id, mas são diferentes, na AT são todas manifestações do ego, manifestos num comportamento visível. A AT centraliza a atenção no ego e no consciente, visto que estes conceitos explicam melhor a conduta social (Steiner, 1976).

Steiner (1976) diz que o indivíduo sempre irá operar em um dos três estados de ego e o seu reconhecimento se dá através das características visíveis e audíveis da aparência, ou ego de uma pessoa.

Os estados de ego são discerníveis em bases variáveis de estrutura muscular, e pelo conteúdo das emissões verbais (palavras e sons). Certos gestos, posturas, maneirismos, expressões faciais, entonação, bem como certas palavras, estão tipicamente associadas a cada um dos três estados de ego. Além daquilo que vê na pessoa que está sendo observada, o observador pode usar suas próprias reações emocionais e pensamentos como informação para diagnóstico. (Steiner, 1976, p. 36).

Assim, o diagnóstico de um estado de ego precisa ter três fontes de informação: o comportamento da pessoa que está sendo observada, a reação emocional do observador e a opinião da pessoa que está sendo observada (STEINER, 1976).

Os três tipos de estados de ego segundo Berne (1969) são:

- Os que se derivam das figuras parentais (Pai): A pessoa age, sente, fala e reage de acordo com o que os seus pais eram e faziam. Mesmo quando este estado de ego não está exteriorizado, o comportamento recebe essa “influência parental” como se fosse uma consciência interna.

- O estado de ego onde a pessoa analisa seu meio ambiente objetivamente (Adulto): Calcula possibilidades e probabilidades com base em experiências passadas.
- Cada ser humano carrega dentro de si uma “criança”: o indivíduo age, sente, pensa, fala e reage da mesma forma que fazia quando era criança.

O estado de ego Pai subdivide-se em Pai Protetor e Pai Crítico, que podem ser positivo ou negativo, conforme escreveu Kertész (1987) e Moreira (2016):

- Pai Crítico Positivo: firmeza, ordem, controle, fixação de limites adequados, faz críticas construtivas, chama a atenção para a falha e cobra.
- Pai Crítico Negativo: Preconceitos, insultos, autoritarismo, desvalorização alheia, humilha, agride, menospreza, persegue e castiga.
- Pai Protetor Positivo: Apoio ao crescimento alheio, proteção, compreensão, consolo, permissão para viver, desfrutar, educar, orientar, aconselhar, estimular e ensinar.
- Pai Protetor Negativo: Superproteção, assume responsabilidades pelos outros e impede o crescimento.

Em contribuições recentes, de 2023, do livro "Dentro da AT: Um manual completo de Análise Transacional", a definição de estados de Ego Pai é renomeada em Pai Estruturante e Pai Nutridor, mais positivo ou mais negativo. Assim, com o tempo surgiu a necessidade de mudança da nomenclatura do Pai Crítico para Pai Estruturante, e de Pai Protetor para Pai Nutridor, mas a compreensão continua a mesma.

- Pai Estruturante (PE), no seu modo positivo, pode ser instrutivo; pode oferecer estruturas e limitações úteis e/ou ser poderoso. Em seu modo negativo, pode ser dominante, mandão e/ou punitivo.

- Pai Nutridor (PE), no seu modo positivo, pode ser atencioso, solidário, compreensivo e/ou amoroso. Em seu modo negativo, pode ser condescendente, sufocante e/ou muito indulgente.

O Adulto está sempre ligado e disponível, baseia-se na neurofisiologia e por isso tem um fundo de energia para explorar o mundo e processar dados, porém não é auto-ativador, mas é usado para satisfazer as necessidades da Criança e/ou Pai (Woollams e Brown, 1979).

Ainda de acordo com Woollams e Brown (1979), com base em suas experiências clínicas, o adulto não consegue assumir o controle social se não tiver cooperação da Criança.

Segundo Kertész (1987), o Adulto não se subdivide funcionalmente, porque sua conduta é sempre a mesma, entretanto, existem alguns níveis:

- O mais baixo: Muscular, tarefas mecânicas com os músculos.
- O intermediário: Repetitivo, intelectual, tarefas com algum grau de pensamento, indicadas por outros (planejamento).
- O mais alto: Analítico, estuda dados da realidade, resolve problemas, programa a si mesmo.

Apesar do pensamento da Criança ser mágico, crédulo, sugestionável e tende a ser vítima de manipuladores, ela também é curiosa, criativa e tem grande intuição. Neste ego está o melhor e o pior das pessoas, assim como seus verdadeiros gostos e o sentido da vida. O estado Criança transmite mensagens não verbais através do tom da voz, gestos, poderosos efeitos de comunicação que costumam chegar na Criança de outra pessoa (Kertész, 1987).

No estado Criança do ego um indivíduo utiliza palavras curtas como “legal”, “oba”, “pô” e “puxa”. Adota postura de criança como inclinação da cabeça, olhos voltados para cima, pés separados ou virados para dentro, quando sentada pode se balançar em uma cadeira, ficar inquieta, virar-se ou ficar “caída”. Saltar,

bater palmas, rir alto ou chorar fazem parte do repertório de uma criança (Steiner, 1976).

Em conformidade com Steiner (1976), não se deve menosprezar o valor do estado Criança, pois é uma das melhores partes da pessoa, a única que consegue realmente ter prazer consigo mesma, sendo a fonte da espontaneidade, da sexualidade e das mudanças criativas.

O estado de ego Criança também se divide em Criança Livre, Criança Rebelde e Criança Submissa, segundo Kertész (1987) e Moreira (2016):

- Criança Livre: espontânea, criativa, afetuosa, desfruta, ama, é barulhenta, comete excessos, demonstra exagero nas emoções.
- Criança Rebelde: Confirma seus atos mesmos contra todos se para ela estão corretos, atua com ressentimentos, opositora, desafiante, provocadora, competitiva.
- Criança Submissa: Aprendeu a obedecer, disciplinada, se adapta com facilidade às normas sociais, às vezes é desvalorizada, rebelde, submete-se a ordens sem questionar, é principalmente a expressão de medos não objetivos.

É importante salientar que a criança não é sinônimo de “infantil” ou “imatura”. Por isso é essencial que toda pessoa entenda sua Criança, pois além de ela acompanhar o indivíduo por toda a vida é também uma parte valiosa da sua personalidade (Bern, 1969).

Segundo Cornell et al. (2023), para Bern, uma pessoa pode mudar um Estado do Ego em qualquer ponto do tempo. O Adulto funciona como aquele que procura conexão com a realidade atual, o Pai surge semelhantemente às figuras parentais e a Criança contém resquícios da infância. Cada pessoa eventualmente desenvolve um padrão de comportamento individual e consistente.

3.2 Transações

Na Análise Transacional as manifestações da relação social são chamadas transações. Estas ocorrem especificamente em cadeias: um estímulo transacional procedente de X faz emergir uma resposta transacional de Y; esta resposta torna-se um estímulo para X, e a resposta de X, por sua vez, torna-se um novo estímulo para Y.

A transação é a unidade de ação social, que envolve um estímulo e uma resposta, sendo assim sempre ocorrera, de uma pessoa para outra socialmente.

Segundo Thomas A. Harris (1977, p.77), “A transação consiste num estímulo de parte de uma pessoa e numa reação de outra, que por sua vez se torna um novo estímulo para a primeira pessoa”.

Para Woollams e Brown (1978), “Transação é a troca de carícias entre duas pessoas, e consiste num estímulo e numa resposta entre dois estados de Ego específicos”.

Carícias são, talvez, os mais poderosos e diretos dentre todos os instrumentos da AT, pois por detrás da aparente simplicidade, está a essência das relações humanas, ajudando na compreensão de situações interpessoais e o modo de resolvê-las (KERTÉSZ, 1987).

Para Kertész (1987, p. 71), carícias são “estímulos sociais dirigidos de um ser vivo a um outro, o qual, por sua vez, reconhece a existência daquele”. As carícias são uma das formas de trocas do organismo com o ambiente, que oferece estímulos sociais, energia e nutrientes em forma de alimentos, água e oxigênio. (Kertész, 1987).

Se não houver resposta ao estímulo, não há transação. Qualquer estímulo se origina de um dos estados de Ego do emissor e dirige-se a um determinado estado de Ego do receptor. Da mesma forma, a resposta origina-se de um estado de Ego do receptor e dirige-se a um estado de Ego do emissor. O estudo das transações tem por finalidade diagnosticar qual o estado de Ego que implementa o estímulo e qual o que emite a resposta, permitindo compreender a dinâmica do relacionamento do sistema PAC (Pai, Adulto e Criança).

As transações são analisadas através de diagramas estruturais de primeira ordem ou de diagramas funcionais. Os diagramas funcionais fornecem maior número de informações e são utilizados para resolução de problemas concretos.

O instrumento de Transação dentro da AT se configura em um estímulo que parte de um sujeito e a reação de resposta que uma outra pessoa tem, que por consequência, gera um novo estímulo para o primeiro indivíduo. Portanto, quando duas pessoas estabelecem uma conversa, existe a presença de uma Transação

Logo, quando uma pessoa inicia uma transação ou responde a um estímulo recebido, existe um número de alternativas de estados de ego que o sujeito utilizará para com a outra pessoa para quem irá dirigir sua comunicação.

Ainda a respeito das transações, existem de três tipos: complementares, cruzadas e ulteriores. O resultado dessas transações é determinado por algumas regras, as quais desenvolvemos a seguir. (Woollams; Brown, 1979).

Como apresenta James e Jongeward (1983), as Transações Complementares acontecem quando o sujeito envia uma mensagem de um determinado estado de ego e consegue receber a resposta esperada de um estado de ego específico. Por exemplo, se o sujeito X procura pelo conforto de Y, e o recebe, visualiza-se que seu objetivo foi atingido, pois sua dependência momentânea possuiu uma resposta apropriada. Segue o exemplo do diagrama desta forma de transacionar:

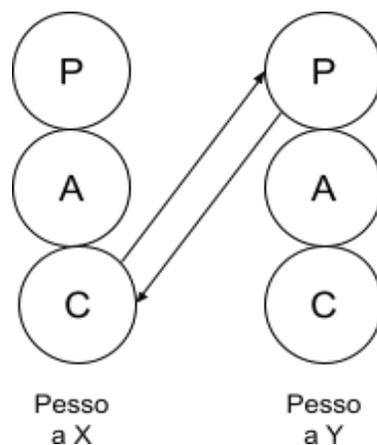


Figura 1: Transações Complementares, criação do autor com base em James e Jongeward, 1983.

Além disso, uma transação complementar pode vir a acontecer entre dois estados de ego iguais. Então duas pessoas podem transacionar entre Pai-Pai, Criança-Criança e Adulto-Adulto. Observa-se que, o que configura uma Transação Complementar é se a pessoa recebeu a resposta que esperava. Nesse tipo de transação, os caminhos de comunicação encontram-se abertos, todos os estados de ego podem transacionar uns com os outros (James; Jongeward, 1983).

Cabe destacar que, na comunicação humana, as linguagens verbais e não verbais são essenciais. Portanto, gestos, expressões faciais, tom de voz, postura corporal e demais informações não verbais contribuem inteiramente para possibilitar sentido de cada transação (James; Jongeward, 1983).

Ressalta-se que nem sempre na vida das pessoas os estímulos que promovem recebem as respostas esperadas ou adequadas. Quando isso não acontece, as linhas de comunicação tornam-se cruzadas, configurando assim, em uma Transação Cruzada, que acontece quando duas pessoas relutam em transacionar, ou seja, tem-se uma resposta inesperada a um estímulo dado (James; Jongeward, 1983).

Em uma transação cruzada, “Um estado de ego não apropriado está em ação e as linhas de transação entre as pessoas estão cruzadas. Nesta altura, a tendência é retirada, o afastamento, ou mudar a conversa para outra direção”. (James; Jongeward, 1983, p. 40). Para exemplificar: se a pessoa X for reativa demais para com a Y, isso pode causar o afastamento de ambas e, por conseguinte, em uma transação cruzada, conforme visto na figura abaixo:

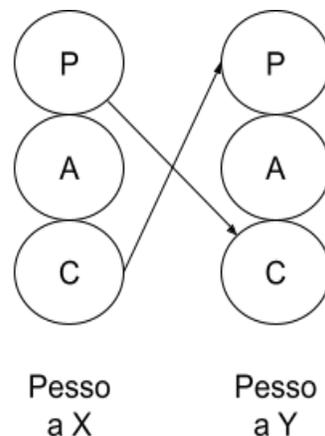


figura 2: Transação Cruzadas, criação do autor com base em James e Jongeward, 1983.

Para James e Jongeward (1983), as transações cruzadas competem em fontes de frequente sofrimento, visto que a pessoa inicia a transação tendo esperança de obter uma resposta específica, no entanto, não a consegue. As transações cruzadas representam os conflitos que ocorrem entre os sujeitos.

Ao que compete às Transações Ulteriores, estas são mais complexas. “Diferem das complementares e cruzadas porque envolvem sempre mais de dois estados de ego. Quando uma mensagem ulterior é enviada, está disfarçada sob uma transação aceitável socialmente” (James; Jongeward, 1975, p. 42).

Kertész (1987) apresenta que as transações ulteriores implicam “mensagens duplas”: uma social, evidente para todos; e outra psicológica, mais sutil, menos perceptível e, em certos momentos, desonestas. Nesse tipo de transação, que normalmente é transmitida de maneira não verbal, existe a dificuldade de atender a dois estímulos conjuntamente. Logo, o estímulo social tende a distrair o Adulto, enquanto a Criança ou o Pai são influenciados pelo estímulo psicológico, que ao não chegar à consciência do Adulto, não é enfrentada de forma conveniente e assim, atinge um aspecto interior negativo (Kertész, 1987).

As Transações Ulteriores configuram a base dos jogos psicológicos e podem se dividir em ulteriores angulares e duplas/duplex (Kertész, 1987).

Segundo Kertész (1987), as ulteriores angulares envolvem 3 estados de ego, dois do emissor e um do receptor; de modo geral, esse tipo implica na manipulação de alguém, sendo que, quando a pessoa não consegue atingir o objetivo instituído, parte para outro sujeito (figura 1 e 2). Já as ulteriores duplas (duplex) envolvem 4 estados de ego, metade para o emissor e a outra do receptor, sendo que os vetores que representam os diagramas deste tipo de transação podem encontrar-se paralelos (figura 3) ou cruzados (figura 4).

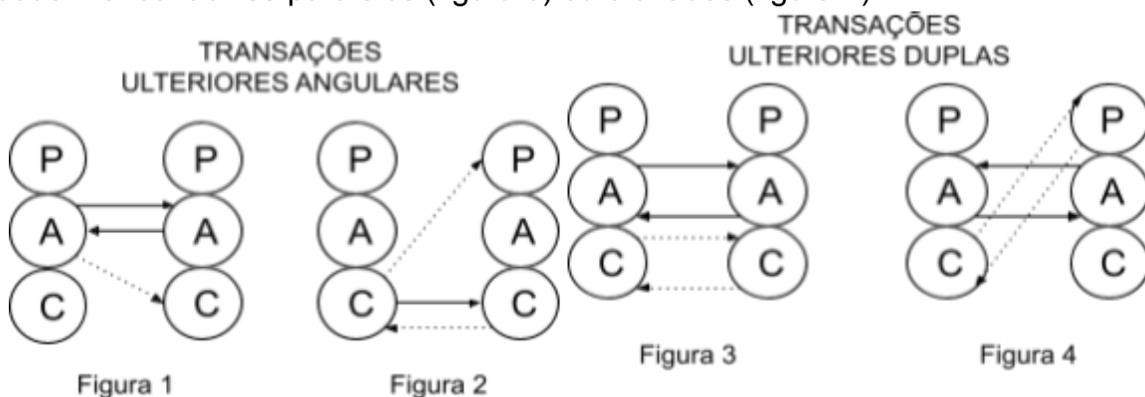


Figura 1 e 2: Transações Ulteriores angulares. Figura 3 e 4 Transações Ulteriores Duplas criação do autor com base em James e Jongeward, 1983.

As transações podem ainda ser divididas em: diretas ou indiretas, francas ou dissimuladas, intensas ou fracas. Em relações saudáveis, as pessoas tendem a transacionar de forma direta, franca e ocasionalmente, intensas (JAMES; JONGEWARD, 1983).

As transações indiretas possuem três direções: a pessoa fala com outra enquanto espera influenciar uma terceira pessoa que, por acaso, esteja ouvindo. As transações dissimuladas frequentemente são meio hostis e afetivas, estando a mensagem oculta em alguma brincadeira. As transações fracas são superficiais, indiferentes, e não possuem sensações de intensidade (JAMES; JONGEWARD, 1983).

Nas transações existe a presença de três regras da comunicação estabelecidas por Berne: Se as transações são complementares, a comunicação tende a continuar (1). Se a transação se cruzar, a comunicação acaba sendo interrompida (2), em transações ulteriores, o resultado da comunicação é determinada pela parte oculta do inconsciente (3).

3.3. Análise transacional e estrutura social

A partir dos autores citados anteriormente, que se debruçam sobre os estudos voltados ao gênero e à estrutura social, neste item será mostrada a teoria da Análise Transacional com olhar crítico para as desigualdades sociais.

A transfobia, preconceito e a discriminação contra pessoas transgênero, é uma triste realidade que persiste no meio social, causando danos profundos e duradouros nas vidas daquelas que são alvo desse ódio e ignorância. Embora tenha-se avanços significativos em relação aos direitos das pessoas LGBTQIAP+ em muitos países, a transfobia continua a ser um problema persistente que afeta pessoas transgênero em diversas áreas de suas vidas. Segundo a Folha de São Paulo, a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transsexuais), em seu relatório anual, o Brasil, pelo 14º ano consecutivo, é o país com maior número de

homicídios de pessoas travestis e transsexuais; 131 indivíduos foram mortos no país em 2022, maioria das vítimas tinham de 18 a 29 anos, próxima a expectativa de vida de uma pessoa Trans no Brasil, que é de 35 anos. (Folha de S.Paulo, 26 jan. 2023).

Neste sentido, a forma como a estrutura se apresenta para o meio social, ditando uma norma, acaba por ocupar um papel de Estado de Ego Pai; dentro da AT, o pai é como se fosse uma coleção de gravações de figuras de autoridade na vida do indivíduo, as mais importantes geralmente são pai e mãe, seguidos dos irmãos mais velhos e avós, professores, líderes religiosos, cultura e etnia, que também fazem parte do estado de ego pai (WOOLLAMS e BROWN, 1979).

Assim, podemos ver que a estrutura social e sua normativa vai se dar, a partir da AT, de um estado de Ego Pai Estruturante Negativo, que domina e pune aqueles que não estão dentro dos padrões ou das normas ditadas socialmente.

Uma das manifestações mais comuns da transfobia no meio social é a falta de compreensão e aceitação em relação à identidade de gênero das pessoas Trans. Muitas vezes, pessoas transgênero são vítimas de insultos, piadas cruéis e discriminação no local de trabalho, em instituições de ensino e até mesmo em suas próprias famílias. Isso não apenas prejudica seu bem-estar emocional e mental, mas também limita suas oportunidades de educação, emprego e participação plena na sociedade.

Além disso, a transfobia frequentemente se manifesta de maneiras mais sutis, como a recusa em reconhecer e respeitar os nomes e pronomes corretos das pessoas Trans. Esse desrespeito pela identidade de gênero das pessoas Trans contribui para um ambiente hostil.

A transfobia também está ligada a altas taxas de violência, muito observadas no Brasil, como já visto, incluindo agressões físicas e assassinatos motivados pelo preconceito de gênero. A falta de proteção adequada e de leis específicas que abordam crimes de ódio contra pessoas transgênero cria um ambiente perigoso em muitas partes do mundo.

4. AS VIVÊNCIAS COMPREENDIDAS A PARTIR DA ANÁLISE TRANSACIONAL

Relembrando, nesta pesquisa foram entrevistadas duas mulheres Trans. Neste capítulo, será feita relação das vivências expressas pelas participantes em conjunto com a teoria da Análise Transacional e outros autores.

Refletir sobre as relações sociais de pessoas transgênero se faz complexo e multifacetado, uma vez que nos encontramos inseridos na grande estrutura que estigmatiza e invisibiliza esses corpos. Pessoas transgênero são aquelas cuja identidade de gênero difere do sexo atribuído biologicamente no nascimento. Em muitas sociedades, elas enfrentam desafios únicos relacionados à aceitação, discriminação e entendimento por parte de outros.

Para muitas pessoas Trans as relações sociais podem ser marcadas por uma jornada de autodescoberta e aceitação. A aceitação da identidade de gênero por amigos, familiares e a comunidade desempenha um papel crucial na promoção do bem-estar emocional e mental. Infelizmente, muitas pessoas Trans enfrentam estigma social, preconceito e até violência devido à sua identidade de gênero. Isso pode resultar em isolamento social e dificuldades em estabelecer relações significativas com os outros.

Para a estrutura social, convém dizer que o gênero está ligado à binariedade homem e mulher em que o sujeito atua e representa um papel de gênero a que pertence ao nascimento. Quando se trata de uma ideia de gênero performativo se traz um novo significado, é afirmar que o gênero não tem forma, partindo-se de um pensamento onde esse pode sempre estar em transformação. As pessoas agem como se o gênero fosse algo intrínseco a elas, relacionado somente ao corpo biológico, e efetivamente é algo reproduzido ao longo do tempo. Dizer que o gênero é performativo é dizer que ninguém é, de fato, de um gênero desde o início (Butler, 1997, 2004).

Com a intenção de preservar a segurança dessas mulheres Trans, irei me referir a elas como entrevistadas 1 e 2. E deixo que elas mesmas se apresentem:

Me chamo 1, tenho 32 anos, sou natural de Criciúma mas sempre morei em Siderópolis, venho de uma família humilde, pobre, meu pai é mineiro aposentado, minha mãe é dona de casa, eu tenho três irmãos, um deles já partiu, acho que me apresentar é isso enquanto pessoa, enquanto profissional, sou formada em psicologia, pós-graduada em psicologia clínica e também tenho pós-graduação em letras e inglês, por último me inscrevi para o mestrado para me aventurar, isso é um pouco sobre mim (Entrevistada 1).

Me chamo 2, tenho 25 anos, sou bacharel em direito, pós-graduanda em gerenciamento de crises, atualmente trabalho em um escritório como gestora de crimes e gestora jurídica, futura integrante do grupo de mestrado (Entrevistada 2).

As entrevistadas 1 e 2 falam sobre seu processos de transição de gênero:

Iniciei minha transição aos 15 anos, mas antes disso, aos 13 anos, tive um processo de identificação em relação à minha orientação sexual. Naquela época, me identificava como um menino gay. Assumi meu interesse por meninos aos 13 anos. Houve uma situação engraçada numa festa no centro da cidade, quando minha mãe, que me acompanhava, parou e me perguntou sobre o que eu gostava, o que eu era. Disse que, se eu não contasse, ela iria com meu pai a uma cartomante para descobrir. Na minha inocência, aceitei e contei a ela que gostava de meninos. Naquele momento, entendi que poderia ser quem eu queria ser. (Entrevistada 1).

Me descubro como mulher trans com três anos de idade, então meus pais me levam para terapia, fui levada até uma psicóloga, ela diz que “se essas tendências de comportamentos e pensamentos continuarem até os dez anos, então provavelmente, ela já tem uma identidade definida e não teria o que fazer”, então, a partir disso meus pais começam a me tratar como eu deveria ser tratada, como eu queria, e nisso começo a fazer parte de circuitos de feminilidade. (Entrevistada 2).

O conceito de performatividade de gênero apresenta-se como uma solução para mudar a forma da sociedade olhar para o gênero. Imagine-se, por exemplo, a dificuldade que uma “traveco”, “maria-rapaz” ou um “rapaz-feminino” - formas de compreensão do senso comum - tem em se integrar socialmente sem sofrer represálias das instituições formais e informais que insistem em colocá-las num dos gêneros. A noção de performatividade de gênero agiliza o processo de adaptação dos sujeitos em “novas” formas de gênero.

Para Butler (2004), é fundamental criar espaço para estas “novas” formas de gênero discutindo-as e desenvolvendo-as. Isto implica que o mundo terá de entender os sujeitos com estes “novos” gêneros e o seu desejo de não-normatividade, sem o encarar com violência. Os próprios sujeitos têm de viver sem se entenderem como “irreais” .

Partindo de uma visão com base na Análise Transacional, podemos dizer que houve em ambos os casos processos de identificação e aceitação da família de forma direta e honesta. Em relações saudáveis, as pessoas tendem a transacionar de forma direta, honesta e ocasionalmente, intensas (James; Jongeward, 1975). Em ambas experiências as entrevistadas tiveram sua identificação, a princípio, entendida e compreendida, os pais estabeleceram uma transação positiva com elas.

A entrevistada 1 iniciou seu processo de identificação como um garoto *gay* com trejeitos afeminados, que mais tarde, aos seus 15 anos, se descobre como uma mulher Trans e inicia seu processo de transição. Isso significa que dentro de seu processo de descoberta de seu EU a estrutura social inicialmente minou este processo, ditando como essa pessoa deveria ser, o que foi minimizado pela aceitação dos pais.

Com a entrevistada 2, o processo de identificação acontece aos três anos de idade, os pais a levam até a psicoterapia e a psicóloga faz uma conversa com eles explicando-lhes que não tinha nada de errado. Apesar de a psicóloga apresentar uma base essencialista (“se essas tendências de comportamentos e pensamentos continuarem até os dez anos, então provavelmente, ela já tem uma identidade definida e não teria o que fazer”, o que não é compatível com a compreensão de performatividade de gênero), ela ajuda os pais a aceitarem que é um movimento que vai ocorrer de forma natural, e que não é patológico.

A família neste processo surge como pilar principal para a redução de sofrimento que essas pessoas necessitam como valência, uma vez que não estão dentro dos padrões estabelecidos socialmente.

Segundo Cornell (2023), todo mundo sempre está em um Estado do Ego, mas alterna frequentemente para o outro, muitas vezes sem perceber.

A entrevistada 1 complementa sua fala anterior contando sobre acontecimentos de semanas seguintes ao dia em que contou para sua mãe sobre sua sexualidade, aos 13 anos.

Durante duas semanas eu fui para casa de parentes em Urussanga e quem foi me buscar foi meu pai, e quando ele chegou, primeira coisa que ele fez quando me viu foi me dar um abraço apertado e falar que eu seria filho dele independente de minhas escolhas, e eu tinha medo de apanhar, ser expulsa de casa, e naquele momento entendi que poderia ser quem eu sou, quem eu queria ser. (entrevistada 1).

Em relação à entrevistada 1, vemos uma Transação do Estado do Ego Pai Estruturante/Crítico Positivo para o Estado do Ego Criança livre da entrevistada 1, onde o pai e a mãe tiveram uma Transação com intenção de proteger essa criança dos preconceitos sociais; serão apresentadas falas que elucidaram esse transação ao decorrer das vivências apresentadas.

A Entrevistada 2 relata seu processo, em seu aniversário de três anos.

No dia que foi meu aniversário de três anos, que o tema era [céu] e nesse dia eu podia pedir qualquer coisa, na minha família tinha isso que até os três anos podíamos pedir qualquer coisa que os nossos pais davam, no aniversário eu estava com roupa amarela, e eu era sol, meu pedido foi de ser uma menina, minha mãe aceitou tranquilamente, meu pai me levou até a terapia. (Entrevistada 2).

Tinha amigas que faziam balé, eu pedi para entrar nas aula e me colocaram, minhas relações com meus pais foram sempre positivas, com meu pai era uma relação muito bancária, meu pai se divorciou da minha mãe quando eu tinha dez anos, mas essa relação bancária já existia antes disso, ele não me batia, mas também não me escutava, uma pessoa que supriu essa relação com um pai foi meu avô, que sempre esteve presente. (Entrevistada 2).

Por mais que a Transação neste primeiro momento tenha acontecido de um Estado do Ego Pai Estruturante por parte de seu pai, aquele que inicialmente recebeu com estranheza a informação, justamente por se ter socialmente um conceito sobre gênero ligado à sexualidade e genitália, um conhecimento diferente deste não o alcançava antes de entender a temática, mas após conversar com a psicóloga teve uma nova resposta, ou seja, elaborou um nova forma de

compreender partindo do seu Estado do Ego Adulto, mudando a forma como enxergou o processo, não impondo uma normativa social para a criança. É necessário entender que é fundamental abrir espaço para a família chegar até esse conhecimento e ter uma compreensão acerca da temática, oportunizar espaço para redução do sofrimento dessas pessoas, uma vez que esses pais e mães estão indiretamente sendo reforçados sob as normas sociais, para que elaborem pensamento crítico com novas reflexões compreendendo que o processo de transição com apoio dos mesmos funcione como rede protetiva, uma vez que essas pessoas são rotuladas socialmente pela normatividade. Ressalta-se a importante função do/da profissional de psicologia para esta mediação, e como são nefastos os entendimentos patologizados sobre as questões de gênero, ainda hoje multiplicados por psicólogos/as.

A Entrevistada 1 conta mais sobre seu processo de transição, já que aos 15 anos compreende que não era uma questão de sexualidade, mas sim de gênero e de feminilidade.

Meus pais não queriam que eu me assumisse socialmente. Depois de um tempo nos mudamos para São Ludgero, e com o tempo comecei a adoecer, porque entendi que não era uma questão de orientação sexual, que eu, na verdade, me identificava como uma menina e com o tempo, isso ficou pesado, não consegui dar conta, sofri muito *bullying*, então tranquei meus estudos. Meus pais, vendo que eu não queria estudar mais, que eu estava entrando em um quadro depressivo, decidiram se mudar novamente para Siderópolis. Então inicio minha transição, mudando minhas vestimentas, meus cabelos, eles sempre foram compridos, mas deixei crescer um pouco mais. Quando iniciei essa mudança enfrentei algumas barreiras, meus pais vieram conversar e falaram que não queriam que eu virasse uma travesti porque se eu virasse uma travesti eu não conseguiria estudar porque ninguém daria estudo, não conseguiria trabalhar porque ninguém iria dar trabalho e teria que me prostituir para sobreviver, essa era a visão que eles tinham. (Entrevistada 1).

A realidade esperada pela família da entrevista reforça a norma social que está impregnada no senso comum e limita a existência do outro, prendendo a forma de expressão do gênero; essa fala apresenta nitidamente como a estrutura social vem e continua empurrando essas pessoas para a margem da sociedade.

Eu questionava o porquê tem que ser assim, porque não pode ser diferente, então afirmei que iria fazer diferente, retomei meus estudos e logo na escola me barraram, falando que eu tinha que fazer supletivo, fui até o supletivo e lá falaram que eu não tinha idade para fazer supletivo e falaram que a escola tinha obrigação, então voltei na escola e exijo uma vaga por direito e disse que se não dessem vaga iria até o Conselho Tutelar, em um passe de mágica me deram a vaga. Fazendo minha transição e estudando, nesse processo passei por muito *bullying*. (Entrevistada 1).

Com 16 anos fui procurar trabalho, tinham algumas empresas com faixa de vaga de trabalho e fui levar currículo, quando falaram que não tinha mais vagas, que esqueceram de tirar a faixa, e não deixaram nem entregar o currículo, depois tentei em uma nova empresa e fui bem recebida por uma senhora chamada Ana, era uma empresa de costura, iniciei nos serviços gerais e para meus pais foi muito emblemático, porque eles viram que eu estava conseguindo aos poucos e conquistando respeito deles. (Entrevistada 1).

Com as falas da entrevistada 1 podemos enxergar certo conflito imposto pela normativa que mais uma vez presente, pune de forma moral a existência dessas pessoas. Ela, por sua vez, recebe a informação que tem da realidade imposta, mas se mostra positiva e disposta a mudar a realidade em que vive, a oportunidade oferecida para ela por uma senhora a qual relata ser muito grata, abriu espaço para sonhar com uma futura profissão, o que será relatado em outro momento.

No relato da entrevistada 2 vemos novamente o reforço dessa normativa, mas dessa vez enxergando o corpo desta como objeto de desejo.

Primeira vez que tive um experiência de trabalho aonde vou até um escritório de contabilidade levar meu currículo, isso em 2013, não tinha retificação ainda, infelizmente a cisgeneridade está sempre à frente da transexualidade, e ele disse que não iria me contratar porque eu era um traveco, eu disse que minha identidade é feminina, então ser travesti não tinha problema, o termo poderia ser usado como uma identidade política, ele me responde que não iria me contratar. Então eu vou embora, e quando estou próxima de chegar em casa passa um carro e pergunta se não quero dar uma volta, no que eu me abaixo para ver, era o dono do escritório de contabilidade que horas antes tinha me rejeitado, então eu

pensei, serviria para ele enquanto produto sexual, mas não como força de trabalho. (Entrevistada 2).

A entrevistada 1 traz situações de preconceito à medida que vai passando por sua transição.

No último ano do ensino médio, eu quero trocar de nome e me formar de vestido, a direção da escola, quando descobre, me chama para conversar, tentam me barrar, como justificativa, falaram que eu iria constranger as famílias presentes e que eu viraria motivo de chacota, no final eu bati o pé e consegui me formar de vestido, escolhi o vestido, pedi para fazer o modelo que eu queria, então nessa mesma época mudei meu nome, me formei com vestido e com meu novo nome. (Entrevistada 1).

De acordo com Butler (2004), se o gênero é culturalmente formado, isso implica que seja também um domínio de liberdade. E é importante resistir à violência que é imposta pelas normas de gênero, especialmente para aqueles que não se encaixam nelas. Butler reforça a necessidade de “desfazer” a norma para “desfazer” o gênero, utilizando para isso uma formação de pensamento que tem início no conceito “tornar-se”.

Butler (2004) acredita que o “tornar-se” é o veículo de transformação e de construção para o gênero. Para ela, é fazer uma correção partindo da visão do próprio sujeito, é percebê-lo como humano antes do seu gênero e enxergar para além da sua sexualidade, da sua genitália.

Para tanto, a família é fundamental. A seguir, falas das entrevistadas 1 relacionadas à família:

Eu fui a primeira entre meus irmãos a se formar no ensino médio, para meus pais foi um orgulho e com o tempo foram sendo quebradas essas barreiras a respeito da minha transição. Mas antes da minha formatura, fui em outra formatura, de uma amiga, nesse dia cheguei em casa maquiada, com cabelo feito, vestido e minha mãe, me vendo pela primeira vez, não conseguiu se conter e chorou, esses foram alguns momentos com minha família. Hoje interpreto como um luto para eles porque para eles era um menino, então tinham apostado suas fichas ali, e na verdade era uma menina, era como se eu tivesse me encontrado, juntando as pecinhas de quem eu sou. (Entrevista 1).

Em relação a meu nome tem um episódio onde, quando eu chego da faculdade em uma noite e ele [o pai] estava no bar, ele me chama pelo nome morto chamando atenção, eu ignoro ele, entrei na minha casa e fui direto dormir, no dia seguinte, primeira coisa que ele fez, foi pedir para eu me levantar da cadeira na hora do café, ele me abraçou, pediu perdão e a partir daquele dia ele começou a me ver como filha, até hoje não sei como aconteceu, parece que foi uma chave que virou na mente dele. (Entrevistada 1).

Esse momento é cheio de significado para a entrevistada 1, nesse momento seus pais estavam também passando pelo processo de sua transição juntamente com ela que, em suas vivências, sempre pensou ter que mostrar o seu valor, não que essa não o tenha, mas para se provar como uma pessoa, devido sua transsexualidade, toda pequena conquista tinha um sabor de vitória, de prova de seu valor.

A entrevistada 2 conta sobre sua trajetória acadêmica, em uma situação específica no curso de Artes Visuais.

Antes de fazer bacharel em Direito eu fazia Artes Visuais, não cheguei a concluir, mas fiz estágio em uma escola em um Centro de Educação Infantil, nessa época já tinha retificado toda minha documentação. Eu cheguei, fui apresentada como professora para uma turma com 30 alunos, e a primeira pergunta que uma criança me fez foi “o prof, por que você tem barba?”, eu pensei, como vou explicar sobre isso para uma criança sem esbarrar no que os pais consideram ideologia de gênero, então eu falei sobre pelos, perguntei pra ele se ele sabia o que era aquilo que tem em cima dos olhos, ele respondeu “sobrancelha”, eu respondi, “você sabe o que é isso?”, ele “sim, é um pêlo”, “quando você olha para seu papai, o que você vê?”, “ele tem barba”, “e isso é o quê?”, “pelo”, “e tua mãe?”, “quando ela bebe leite, ela fica com bigodinho”, “é porque ela tem buço”, “a prof. tem buço também”, “pode-se dizer que sim”, ele responde “legal, o que vamos fazer hoje?” e foi nesse momento que pensei, não é sobre teu filho ser ou sobre ti em si, estou aqui para mostrar minha competência e cheguei à conclusão de que esse era o melhor caminho. (Entrevistada 2).

Conta sobre situações de violência dentro da universidade, em específico no curso de Direito, durante sua formação.

Quando iniciei minha faculdade no Direito tinha acabado de me matricular, eu era a única pessoa negra da minha sala e também única mulher trans, fui à minha primeira aula e cheguei cedo, na sala um menino veio me questionar o que estava fazendo, na sala, eu respondo ele falando que vim para aula, ele diz que eu não poderia estar lá porque

lugar de travesti á na avenida, eu respondo ele falando que não existe lugar de travesti, existem lugares em que pessoas acessam e não acessam, “espero que em algum momento você leia o artigo 5º, o caput, e partir disso respeite o que ele diz, que todos são iguais perante a lei”, e uma semana depois ele mudou de turno. (Entrevistada 2).

Durante o curso eu tive uma colega trans também, ela foi a segunda mulher trans no curso, eu ajudei ela a se matricular no curso e os colegas questionaram o porque ela era tão reativa, e eu era tão calma, então respondi “gente, vocês têm que levar em consideração que eu cresci com minha família em volta de mim, todos os ambientes que eu frequentei foram ambientes cisgênero, eu sei e conheço a linguagem de vocês, ela teve que se prostituir, a única linguagem que ela conhece é a violência”, e quando falei, pensaram, [e eu pensei] “vou fazer vocês pensarem como adultos”. Eu penso que se todo momento as pessoas tentam retirar minha humanidade, vou tentar devolver a humanidades para eles, sei que isso não é um ato consciente deles, mas uma negativa de emprego, uma negativa de acesso à educação é uma negativa de direitos humanos, as pessoas tentam me deslegitimar como humano porque não me veem como, é quase como me colocar em uma categoria sub-humana. (Entrevistada 2).

As falas de ambas entrevistadas revelam que também são atravessadas por outras questões, como raça e classe, uma vez que também implicam em suas vivências. Por mais que essas não foram exploradas nesta pesquisa, se reconhece o impacto dessas outras transversalidades que atravessam esses corpos.

Durante os relatos das entrevistadas e por perguntas feitas por mim a respeito da relação com a família, se tiverem outras pessoas para além da família, impulsionando-as também neste processo, as entrevistadas 1 e 2 expressam sobre sua relação com a família durante seus processos e como se encontram atualmente.

Minha relação só foi melhorando, meus pais me dando apoio, seis meses eu fiquei só trabalhando como costureira, e na fábrica tinha uma psicóloga [nesse momento descreve a psicóloga com muito entusiasmo]. Eu pensei “até parece, eu, uma mulher travesti, se tornar psicóloga” nesse momento ainda nem me via como mulher transgênero, nessa época tive apoio de pessoas falando que uma coisa não tinha a ver com outra, e iniciei minha faculdade, e para meus pais eu acho que viram eu alcançando esses espaços e foram se orgulhando cada vez mais. (Entrevistada 1).

Até meus 15 anos minha rede de apoio que foi fundamental para que eu me sentisse mulher foram minhas primas, amigas da escola, mesmo que não fossem todos que soubessem e me apoiavam, mas depois quem continuou me apoiando foram minhas primas. (Entrevistada 1).

Por mais que esse respeito não tenha vindo da noite para o dia, mas foi construído, junto no processo de transição, minha família sempre foi muito unida, sempre fizeram de tudo para estarmos juntos, não foram só meus pais, foi toda a família nesse processo, não foi um processo só meu, hoje são militantes da causa e isso é lindo para mim, me sinto privilegiada porque meu processo foi muito diferente da maioria das mulheres trans. (Entrevistada 1).

Minha mãe sempre foi positiva, ela sempre me incentivou a estudar, esses dias até brinquei com ela falando “você me ensinou tanto estudar que hoje eu só quero estudar, não quero ser CLT”. Com meus irmãos não tenho o que reclamar, atualmente moro com meu irmão, e eles sempre foram muito bons comigo, já tivemos brigas, mas coisas bobas de irmão. (Entrevistada 2).

Atualmente moro com meu irmão, ele compartilhou que tinha medo de assumir sua sexualidade [homoafetivo], ele teve coragem depois de ver o que eu passei e disse que eu servi como valência positiva para a emancipação dele. (Entrevistada 2).

Ambas entrevistadas afirmam que, por mais que enfrentaram obstáculos durante todo o processo de transição, em suas caminhadas tiveram certo privilégio, justamente por terem amigas, que diferente delas, não tiveram uma rede de apoio da família. As transições com a família, por vezes complexas para serem brevemente analisadas, mas positivas, colaboraram para uma significativa inclusão de sua condição dentro da sociedade.

As vivências apresentadas e iluminadas a partir da Análise Transacional mostram a importância de se deixar fluir o desenvolvimento humano quando se trata de aspectos de gênero. Em ambos os casos se mostrou presente um processo de reconhecimento e transformação, seguindo o movimento da consciência, espontaneidade e intimidade nas vivências apresentadas; por mais que as barreiras surgissem, as entrevistadas se mostraram resilientes, sempre avaliando baseadas na realidade de sua experiência, superando os estigmas sociais presentes em relação às questões de gênero, em específico a transexualidade.

É possível compreender através dos relatos que existe uma normativa estrutural que segue minando a vida dessas pessoas, uma vez que não vemos essas pessoas nos espaços sociais, em geral não alcançam esses espaços porque não se é oportunizado ou porque beiram os espaços onde o ensino acadêmico não alcança, a temática ainda carece de estudos.

Ambas entrevistas são pós-graduandas, atualmente ambas trabalham em suas áreas de formação, isso mostra que o incentivo à educação tem o poder de quebrar os preconceitos impostos à existência dessas, e como um dos pilares fundamentais o apoio não só financeiro, mas principalmente emocional que as famílias podem proporcionar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo trazer à luz o processo de transição de gênero voltada para as relações familiares, conhecendo a trajetória de vida de pessoas Trans e suas relações no seio familiar. As entrevistas foram realizadas com 2 participantes, mulheres transgênero/transexual contando sobre o processo individual e experiências de cada uma.

Levando em consideração o contexto social em que estão inseridas e situações vivenciadas ao decorrer do processo de transição, foi possível mensurar os impactos positivos das transações e afetos familiares em pessoas, neste caso direcionado a mulheres trans. Constata-se que as entrevistadas, tanto no início, durante e após o processo de transição enfrentam obstáculos em específicas áreas de suas vidas, sempre relacionadas a instituições de poder, por conta das normativas sociais que as segregam e rotulam. As relações familiares se mostraram de suma importância para o enfrentamento das barreiras sociais. As famílias das entrevistadas mostraram que o processo de transição também pertence à família, uma vez que a família passou por todo o processo ao seu lado, como relatam as entrevistadas.

Embora não se tenham pesquisas no campo da Análise Transacional acerca desta temática, é possível compreender que essa possui aparato teórico para trazer reflexões e desconstruir os pensamentos normativos que tentam contaminar a transexualidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Edvaldo Carvalho; AQUINO, Mirian Albuquerque. **A Pesquisa Qualitativa: origens, desenvolvimento e utilização nas dissertações do PPGCI/UEPB – 2008 a 2012.**
- BEAUVOUR, Simone. **Le deuxième sexe. Les fait et mythes**, 1.vol. Paris: Éditions Gallimard, 1977.
- BUTLER, Judith. **Undoing gender.** Nova Iorque: Routledge, 2004.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: feminism and the subversion of identity.** Nova Iorque: Routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative.** Nova Iorque: Routledge, 1997.
- BRAIDOTTI, Rosi. **Methamorphoses: towards a materialista theory of becoming.** Cabridge/Malden: Polity Press, 2002.
- Brasil é país que mais mata trans pela 14a vez - 26/01/2023 - Cotidiano - Folha. (2023, janeiro 26). Folha de S.Paulo. acessado em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/01/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-transsexuais-e-travestis-pelo-14o-ano-seguido.shtml>>
- CORNELL, William F; GRAAF, Anne; NEWTON, Trudi; THEUNISSEN, Monik. **Dentro da AT: um manual completo de análise transacional.** Uberlândia, MG: Autonomia, 2023.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** Tradução: Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- JAMES, Muriel. JONGWARD, Dorothy. **Nascido pra Vencer: Análise Transacional Com Experiências Gestalt.** 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- KERTÉSZ, Roberto. **Análise transacional ao vivo.** Trad. Beatriz Sidou. 4. ed. São Paulo: Summus, 1987.
- MOREIRA, Erlei. **Análise Transacional.** Adaptado 2016. Disponível em: <[Aula 2 - Resumo Geral Análise Transacional.pdf \(utfpr.edu.br\)](#)>. Acesso em: 05 dez. 2022.
- NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al . O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesqui. práct. psicossociais**, São João del-Rei , v. 12, n. 2, p. 466-485, ago. 2017 . Disponível

em<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em 05 nov. 2022.

PASSOS, José Silveira. **Os Modelos de Estados de Ego Descritos por Eric Berne**. Portal Brasileiro de Análise Transacional – PortalBrAT. 2018. Disponível em: <https://josesilveira.com/os-modelos-de-estados-de-ego-descritos-por-eric-berne/>. Acessado em: 18 nov. 2022.

SPOSITO, Sandra. **Transexualidade não é transtorno mental, oficializa OMS**. CFP; Conselho Federal de Psicologia. <https://site.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/>. Acesso em 22 maio 2019.

STEINER, Claude. **Os papéis que vivemos na vida: a Análise Transacional de nossas interpretações cotidianas**. São Paulo: Artenova, 1976.

HARRIS, Thomas. A. **Eu Estou OK Você Está OK**, Editora Artenova, Rio de Janeiro, 1977.

WOOLAMS, Stan; BROWN, Michael. **Manual Completo de Análise Transacional**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1979.

APÊNDICE: Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Roteiro de Entrevista Semiestruturada

1. Como foi o processo de sua identificação como pessoa Trans?
2. Quais pessoas foram fundamentais para você neste processo?
3. Como foi sua relação com sua família durante este processo?
4. Como você percebe suas relações familiares atualmente?
5. Em relação à sua sexualidade, quais os fatores que lhe deixam tranquilo/a e quais os que lhe deixam em estado de vulnerabilidade?

ANEXOS

ANEXO A: CARTA DE APROVAÇÃO CEP

 **Carta de Aprovação CEP.pdf**

ANEXO B: TCLE

 TCLE .pdf